

# AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO EM DISPUTA NA AMÉRICA DO SUL: REFLEXÕES SOBRE GÊNERO E GERAÇÃO

**GEOVANE GESTEIRA SALES TORRES**

Mestrando em Ciência Política - Universidade Federal do Piauí

Email: [geovanegesteira.profissional@gmail.com](mailto:geovanegesteira.profissional@gmail.com)

**GEORGE JOSÉ DOS SANTOS LIMA**

Mestre em Comunicação Social - Universidade Federal do Piauí

Email: [georgejlima@gmail.com](mailto:georgejlima@gmail.com)

**RAIMUNDO BATISTA DOS SANTOS JÚNIOR**

Doutor em Ciência Política - Universidade Estadual de Campinas

Email: [rjunior@ufpi.edu.br](mailto:rjunior@ufpi.edu.br)

**REVISTA ZABELÊ**

DISCENTES PPGANT - UFPI

CASTELLO, Graziela; MACAYA, Javiera F. M.; CANTONI, Stefania Lapolla; JEREISSATI, Tatiana. **Dinâmicas de gênero e uso das tecnologias digitais**: um estudo com crianças e adolescentes na cidade de São Paulo. 1. ed. -- São Paulo: Centro Brasileiro de Análise e Planejamento Cebrap, 2021.

O advento das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação - TDICs -, especialmente a partir da popularização da internet, tem estimulado mudanças em todas as esferas da sociedade, fato que leva Castells (2005) a pensar uma sociedade em rede fundamentada nessas tecnologias e atuante na geração, processamento e distribuição de informações. As TDICs estão cada vez mais presentes no cotidiano, isso tem contribuído para reduzir desigualdades econômicas e sociais, além de acarretar novas formas de aprender e ser no mundo. Entretanto, o acesso e condições de uso das tecnologias também podem ensejar assimetrias sociais que devem ser objeto de políticas públicas.

126

Neste contexto, o livro “Dinâmicas de gênero no uso das tecnologias digitais: Um estudo com crianças e adolescentes na cidade de São Paulo” publicado em 2021 pelo Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap) tem como objetivo analisar práticas *online* de crianças e adolescentes a partir da perspectiva de gênero. A obra é estruturada nas seções: I) Apresentação; II) Prefácio; III) Parte 1 – A pesquisa; IV) Parte 2 – Artigos; e V) Considerações Finais.

A presente obra foi organizada por Graziela Castello, Javiera F. M. Macaya, Stefania Lapolla Cantoni e Tatiana Jereissati, sendo fruto de uma parceria entre o Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br)/Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br) e a Cátedra Regional UNESCO Mulher, Ciência e Tecnologia na América Latina (FLACSO-Argentina). Além dessas

instituições, a coletânea reuniu trabalhos de dez autores(as) vinculados(as), ainda, à Universidade de Oslo e *Alliance for Affordable Internet – A4AI*.

No prefácio da obra, Bonder (2021) reflete sobre a presença escassa de mulheres nas pesquisas, atuações profissionais, processos decisórios e formulação de políticas no campo da tecnologia. Contudo, ela expõe que coletivos, projetos e programas feministas em todo o globo terrestre têm pautado a redução das desigualdades de gênero no universo digital. Esse processo nasce em paralelo com o crescimento paulatino de pesquisas direcionadas à noção de interseccionalidade, fato que pressupõe novas categorias analíticas em torno das TDICs.

Bonder (2021) põe a nu que em arranjos sociais patriarcais, as TDICs amiúde são geradas e disseminadas com base em pressupostos androcêntricos<sup>1</sup>. Bonder (2021) afirma que os meios/produtos tecnológicos não apenas necessitam de difusão, mas que a sua concepção precisa reconhecer a diversidade humana. Assim, a pensadora advoga que os(as) autores(as) da obra resenhada se comprometem com a justiça na produção e disseminação tecnológica, algo consubstanciado nos resultados da obra que incorporam as diferenças e desigualdades de gênero, sexualidade, raça, idade e território no que toca ao acesso às TDICs na América do Sul.

Na primeira parte da obra, Jereissati *et al.* (2021) apresenta o caminho metodológico para a realização da pesquisa originadora da obra e os resultados obtidos. Assim, Jereissati *et al.* (2021) tomou como artefato de investigação as experiências e práticas assentes na internet protagonizadas por um público infanto-juvenil, sujeitos com faixa etária entre 11 e 17 anos, incorporando o gênero como o marcador social da diferença angular das reflexões. Logo, a pesquisa busca analisar o acesso e uso, oportunidades, construção da autoimagem nas

---

1 Cf. BOURDIEU, Pierre, *A Dominação Masculina: A condição feminina e a violência simbólica*. 5 ed. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2017.

redes sociais, privacidade e violência virtual envolvendo os atores/ atrizes supracitados, além dos(as) responsáveis legais e professores(as).

Sobre a pesquisa realizada perante a parceria entre o Cetic.br e a FLACSO-Argentina, Jereissati *et al.* (2021) informam que o seu framework foi pensado para contemplar amplas realidades, como as de São Paulo e Buenos Aires. Nesse direcionamento, em São Paulo se realizaram grupos focais com sujeitos entre 11-12, 13-14, 15-17 anos, ao passo que em Buenos Aires os grupos focais contemplaram crianças e adolescentes com 10-12 e 13-14 anos. O recrutamento dos participantes em São Paulo se deu por meio de um banco de contatos de pessoas cadastradas, já o recrutamento para os grupos focais e entrevistas com responsáveis legais e docentes foi feito pelo Ibope Inteligência. Em Buenos Aires se contaram com representações de três escolas da cidade, escolhidas pelas gestões de tais instituições.

Sobre os dados discursivos advindos dos grupos focais e entrevistas em profundidade, Jereissati *et al.* (2021) expressam que os fluxos analíticos qualitativos consideraram os elementos culturais relacionados ao gênero e TDIC das duas cidades latinas ora mencionadas. As transcrições dos grupos focais e entrevistas em profundidade foram realizadas por membros do Cebrap com o auxílio do software NVivo 11. Já as categorias e subcategorias de análise se construíram com base na literatura relativa à questão de gênero e TDIC.

Portanto, Jereissati *et al.* (2021) concluem que a partir das informações geradas pela pesquisa se percebe que os repertórios discursivos analisados apresentam representações sociais imbuídas por estereótipos de gênero. Nestes, destaca-se que os tolhimentos, orientações e práticas digitais comuns se dissociam para meninos e meninas, àqueles tendo maiores oportunidades e ações digitais à revelia das últimas e apontam para o fato das meninas enfrentarem maiores riscos digitais.

Nesse esteio, sobre os vazamentos de nudes, aponta-se que há uma tendência violenta de culpabilização das vítimas, sobretudo mulheres.

Na segunda parte do livro, apresentam-se artigos estruturados a partir de dois recortes do estudo que tratam sobre a transversalidade de raça e gênero no uso das TDICs e o papel destas em relação à identidade de gênero e sexualidade. O primeiro artigo da segunda parte do livro, intitulado “Interfaces entre gênero, raça e classe em experiências de uso das TIC entre crianças e adolescentes”, de autoria de Lima e Aguião (2021), objetiva debater sobre experiências e percepções na internet a partir dos marcadores raça, classe social e gênero. O Cetic.br/NIC.br realizou 12 grupos focais com sujeitos usuários da internet e inseridos nas faixas etárias seguintes: 11 a 12 anos; 13 a 14 anos; 15 a 17 anos. Promoveram-se quatro grupos focais com cada uma dessas faixas etárias. Ademais, desenvolveram-se quatro grupos focais com jovens de 15 a 17 anos autodeclarados(as) pretos(as) e pardos(as).

A pesquisa originadora do artigo escrito por Lima e Aguião (2021) contemplou as perspectivas de 107 crianças e adolescentes em relação às TDICs, tomando como norte a observação dos marcadores sociais da diferença: gênero, raça e classe social. Os discursos analisados evidenciam que as crianças vivenciam e percebem conteúdos/interações racistas na internet. Segundo os relatos dos(as) participantes, a homofobia frequentemente se expõe na rede. Diante do exposto, Lima e Aguião (2021) concluem que o incômodo sentido pelas crianças e adolescentes diante de tais relatos sobre racismo e homofobia na web pode ser um sintoma da capacidade e necessidade das TDICs combaterem a intolerância e discriminação.

Especificamente sobre os relatos de racismo, Lima e Aguião (2021) pontuam que os(as) jovens negros(as) sinalizaram a existência de

discriminações corriqueiras, realizadas *on-line e off-line*. Já em relação ao machismo virtual, as autoras destacam que as meninas participantes narraram o quão são intensamente julgadas moralmente pelo seu comportamento, ao passo que aos sujeitos do gênero masculino não são destinados tamanhos tolhimentos e exigências comportamentais. Assim, a culpabilização das mulheres e meninas é frequente em ocorrências de violência digital, tal como no vazamento de fotos íntimas.

O segundo artigo, intitulado “Sexualidade, gênero e internet: aspectos do uso das TIC na constituição de redes de sociabilidade e produção de si entre jovens”, escrito por Aguião (2021), anseia refletir sobre a atuação das TDICs na socialização de jovens dissidentes à cisnormatividade e heteronormatividade. Isso é fundamental porque as TDICs podem servir à legitimação do *status quo*, mas também para subvertê-lo. Nesse viés, os dados da presente investigação advêm de sete entrevistas em profundidade realizadas pelo Cetic.br com sujeitos dissidentes às normas de gênero e sexualidade e com idades entre 15 e 18 anos.

130

Assim, contemplaram-se dimensões sobre os repertórios e conteúdos acessados e compartilhados por esses adolescentes na internet, bem como a imbricação de tais repertórios e conteúdos com a edificação das sociabilidades e autoconstruções desses sujeitos. Não se pode desconsiderar a importância da presente obra em seu compromisso de pautar corpos/identidades tendencialmente levadas ao limbo das preocupações institucionais. Ora, o artigo de Aguião (2021) descortina a relevância da evidenciação das crianças e adolescentes cujas identidades de gênero e/ou sexualidade contrastam à cisnormatividade e à heterossexualidade compulsória.

Aguião (2021) denota que as variadas redes sociais utilizadas pelos(as) participantes são empregadas de maneiras distintas pelos(as)

mesmos(as). Conforme os relatos, a escolha do tipo de publicação e a rede social depende do nível de privacidade que se almeja, pois conteúdos relacionados às identidades de gênero e sexualidades dos sujeitos requerem, conforme os mesmos, maior gestão de segurança digital no que toca às imagens, geolocalização, conteúdos e informações veiculadas. Para isso, são comuns nos discursos mecanismos de segurança como o bloqueio de desconhecidos(as).

Na ânsia pela gestão da privacidade digital de tais sujeitos dissidentes, as narrativas apontam a frequência da adequação dos conteúdos a plataformas com base no seu nível de restrição. Aguião (2021) aponta que a seleção do que e de como publicar conteúdos sobre si guarda correlação com o que a autora nomeia de gestão da autoimagem. Essa autogestão não apenas se direciona aos conteúdos e plataformas, mas também à linguagem empregada na exposição pessoal. Além disso, a gestão da autoimagem também implica em processos de autoafirmação entre sujeitos que compartilham dos mesmos ideais/realidades, logo, a seleção de fotos, *tags*, curtidas e horários de publicação são exemplos de elementos que cooperam para a construção e autoafirmação de si nas redes sociais.

Não obstante, Aguião (2021) reflete sobre o emprego dos meios digitais, sobretudo das redes sociais, para a sociabilização e reconhecimento dos sujeitos dissidentes. Há uma notoriedade, nos discursos analisados, do emprego da internet no acesso a conteúdos e materiais políticos relativos à gênero e sexualidade. Portanto, os(as) entrevistados(as) mencionam que os seus processos de reconhecimento e formação de si se entrelaçam com as mídias digitais. Nesse direcionamento, os discursos revelam que as TDICs também são usadas pelos sujeitos dissidentes como searas para a organização e difusão de eventos, troca de experiências, sociabilidades e apoio mútuo.

Em acréscimo, além de consumidores de conteúdos na internet, alguns/algumas entrevistados(as) mencionaram produzir conteúdos políticos sobre gênero, sociologia, filosofia e política, além dos tocantes às vivências cotidianas, para plataformas como o Facebook, YouTube e blogs. Outrossim, Aguião (2021) aponta que apesar da existência de entrevistados(as) que possuem acesso frequente à internet e a variados aparelhos eletrônicos, também existem participantes da pesquisa que apenas acessam à grande rede por meio do celular e com uso limitado dos dados móveis. Enfim, sobre as experiências dos(as) participantes com situações preconceituosas, foram comuns os relatos indicativos de situações em que se depara com páginas, sites e perfis com conteúdos dessa natureza.

Aguião (2021) conclui que apesar dos variados riscos e violências nelas impetradas, as TDICs também apresentam potenciais para a diversidade sexual e de gênero porque oportunizam o acesso a informações, redes de apoio, trocas de experiências, construções de si e autoafirmações das identidades de gênero e sexualidades dissidentes.

O último artigo da segunda parte da obra, intitulado “Crianças e adolescentes em Buenos Aires: uma análise sobre os acessos, os usos e as incidências das TIC e as redes sociais, a partir de uma perspectiva de igualdade de gênero”, escrito por Larghi e Fernández (2021), tenciona analisar o acesso e emprego das TDICs por sujeitos com idades entre 10 e 14 anos, ansiando levantar informações sobre os seus processos identitários nas esferas escolar, social e tecnológica.

Larghi e Fernández (2021) mencionam a realização, em 2016, de entrevistas em oito grupos focais constituídos por crianças e adolescentes de faixas etárias entre 10 a 12 e 13 a 14 anos, estudantes de três escolas de Buenos Aires. Tais grupos focais foram divididos por gênero, no que toca aos(as) participantes e mediadores(as). Após as transcrições dos momentos,

empregou-se o *software* Atlas.ti para a codificação dos textos, a qual se guiou pelos temas: 1) acesso e uso das TDICs; 2) oportunidades; 3) construção das autoimagens na internet; 4) privacidade; e 5) violência virtual.

Os dados obtidos apontam que a escolha das plataformas digitais, estratégias de interação, consumo e produções de conteúdos são frutos de micro e macro relações em que os(as) participantes se inserem. Perceberam-se representações de gênero estereotipadas nos discursos estudados, âmbito em que ganha destaque a cristalização de papéis de gênero para as mulheres. Sobre os riscos digitais na internet, os repertórios discursivos denotam a consciência dos(as) participantes em relação aos meios de segurança digital e a sua importância. Ademais, expressa-se que as meninas figuram como as principais vítimas de violências virtuais, havendo ainda a tendência pela culpabilização das vítimas.

Na seção conclusiva do livro, Jorge (2021) afirma que o mesmo revela potencialidades e problemáticas no acesso de crianças e adolescentes aos meios digitais, encontrando-se desde formas de resistência e resolução de problemas mediante as novas tecnologias, até mesmo as frequentes violências e discriminações de gênero, sexualidade e raça no meio digital. No Brasil e Argentina também se destacam as experiências de solidariedade, articulações em grupo, trocas de experiências e construções identitárias na dimensão virtual.

Portanto, Jorge (2021) defende a importância da posituação de melhores aparatos que garantam os direitos das crianças e adolescentes a uma vida plena e livre de qualquer forma de violência no espaço digital. Enfim, considerando os elementos benéficos e os perigos assentes no meio virtual, equilibrar tais fatos é posto por Jorge (2021) como uma pujante problemática que deve ser alvo de políticas públicas.

Apesar das pesquisas que compõem o livro assumirem configurações

não estatísticas, pois não se têm o objetivo de generalizar as conclusões, a obra aponta a urgência pelo desenvolvimento de políticas públicas que reconheçam as assimetrias tecnológicas em virtude de gênero e de outros marcadores sociais da diferença. Ademais, notoriza-se a urgência por políticas públicas que democratizem digitalmente o acesso e formação em relação às TDICs para os mais distintos sujeitos, sobretudo àqueles subjugados em virtude da sua identidade de gênero, raça, sexualidade e classe. Tal concepção se assenta no reconhecimento dos(as) autores(as) sobre o papel das TDICs na luta contra o machismo, racismo e LGBTQIA+fobia.

No contexto globalizado hodierno não é coerente falar em aldeias globais e sociedade em rede enquanto as TDICs continuarem sendo meios de produção ou ratificação de desigualdades sociais. Reconhecendo as potencialidades das tecnologias na busca por arranjos sociais mais equânimes, faz-se necessário que as ciências humanas e sociais intensifiquem as suas reflexões em torno do uso das tecnologias na construção da justiça social.

134

Tendo em vista a atualidade do tema e dos dados, a relevância das organizações envolvidas e a participação de maduros(as) pesquisadores(as), bem como o papel político e inovação em observar as TDICs a partir de marcadores sociais da diferença, especialmente o gênero, recomenda-se a presente obra resenhada. Além disso, afirma-se que o livro apresenta uma considerável pertinência aos estudos educacionais orientados pelas matrizes epistemológicas queer, homoculturais, transfeministas e feministas no Sul global.

## REFERÊNCIAS

Aguião, Silvia. “Sexualidade, gênero e Internet: aspectos do uso das TIC

na constituição de redes de sociabilidade e produção de si entre jovens”.  
In: Castello, Graziela; Macaya, Javiera F. M.; Cantoni, Stefania Lapolla;  
Jereissati, Tatiana. *Dinâmicas de gênero e uso das tecnologias digitais:*  
um estudo com crianças e adolescentes na cidade de São Paulo.1. ed. --  
São Paulo: Centro Brasileiro de Análise e Planejamento Cebrap, 2021.  
pp. 112-137.

Bonder, Gloria. “Prefácio”. In: Castello, Graziela; Macaya, Javiera F.  
M.; Cantoni, Stefania Lapolla; Jereissati, Tatiana. *Dinâmicas de gênero  
e uso das tecnologias digitais:* um estudo com crianças e adolescentes na  
cidade de São Paulo.1. ed. -- São Paulo: Centro Brasileiro de Análise e  
Planejamento Cebrap, 2021. pp. 22-17.

Castells, Manuel. *A sociedade em rede.* São Paulo: Paz e terra, 2005.

Jereissati, Tatiana; Macaya, Javiera F. M.; Cantoni, Stefania Lapolla;  
Barbovschi, Monica. “Sobre a pesquisa”. In: Castello, Graziela; Macaya,  
Javiera F. M.; Cantoni, Stefania Lapolla; Jereissati, Tatiana. *Dinâmicas  
de gênero e uso das tecnologias digitais:* um estudo com crianças  
e adolescentes na cidade de São Paulo.1. ed. -- São Paulo: Centro  
Brasileiro de Análise e Planejamento Cebrap, 2021. pp. 30-55.

Jereissati, Tatiana; Macaya, Javiera F. M.; Cantoni, Stefania Lapolla.  
“Resultados”.In: Castello, Graziela; Macaya, Javiera F. M.; Cantoni,  
Stefania Lapolla; Jereissati, Tatiana. *Dinâmicas de gênero e uso  
das tecnologias digitais:* um estudo com crianças e adolescentes na  
cidade de São Paulo.1. ed. -- São Paulo: Centro Brasileiro de Análise e  
Planejamento Cebrap, 2021. pp. 56-83.

Jorge, Sonia. “Reflexões e caminhos futuros”. In: Castello, Graziela; Macaya, Javiera F. M.; Cantoni, Stefania Lapolla; Jereissati, Tatiana. *Dinâmicas de gênero e uso das tecnologias digitais: um estudo com crianças e adolescentes na cidade de São Paulo*. 1. ed. -- São Paulo: Centro Brasileiro de Análise e Planejamento Cebrap, 2021. pp. 170-172.

Larghi, Sebastián Benítez; Fernández, Blas. “Crianças e adolescentes em Buenos Aires: uma análise sobre os acessos, os usos e as incidências das TIC e as redes sociais, a partir de uma perspectiva de gênero”. In: Castello, Graziela; Macaya, Javiera F. M.; Cantoni, Stefania Lapolla; Jereissati, Tatiana. *Dinâmicas de gênero e uso das tecnologias digitais: um estudo com crianças e adolescentes na cidade de São Paulo*. 1. ed. -- São Paulo: Centro Brasileiro de Análise e Planejamento Cebrap, 2021. pp. 138-167.

Lima, Márcia; Aguião, Silvia. “Interfaces entre gênero, raça e classe em experiências de uso das TIC entre crianças e adolescentes”. In: Castello, Graziela; Macaya, Javiera F. M.; Cantoni, Stefania Lapolla; Jereissati, Tatiana. *Dinâmicas de gênero e uso das tecnologias digitais: um estudo com crianças e adolescentes na cidade de São Paulo*. 1. ed. -- São Paulo: Centro Brasileiro de Análise e Planejamento Cebrap, 2021. pp. 86-111.